

Benedita da Silva - Transcrição longa - editada e corrigida

Mônica Franciso

Hoje, o Dicionário de Favelas Marielle e o Memória Viva tem a honra de entrevistar a nossa deputada, governadora, senadora... Benedita da Silva. É uma honra para a gente estar aqui. Uma mulher que é símbolo e referência da luta das mulheres de favela e eu quero começar falando um pouquinho da sua história, sua biografia, que é gigante... Muita gente já te entrevistou, tem documentário, tem tudo; mas a gente quer ouvir um pouquinho de como foi a infância da Benedita da Silva. Quando a Benedita da Silva “CPF” lembra da sua infância no Chapéu Mangueira?

Benedita da Silva

Primeiro, Mônica, eu queria agradecer muito. Para mim é uma honra poder estar aqui concedendo não uma entrevista, é um bate-papo, ainda mais com Marielle Franco, essa nossa guerreira que nos deixa um exemplo de vida e de parlamentar. Ela é daqui também, da favela. Ela fez parte da nossa história e da trajetória que percorremos. Nós, que somos de favelas, que viemos das favelas e hoje estamos nessa batalha, nessa luta do dia a dia... Por mais que você tenha dado entrevistas ou conversado sobre favela, ainda é muito pouco, porque os nossos passos vêm de longe. E, vindo de longe, ele faz com que nossas lembranças fiquem consolidadas, pois foi um momento de grande dificuldade, né?

Uma criança... foi dificuldade de escola, foi dificuldade de ter uma família com muita dignidade, mas uma família pobre e muito unida. Então, o que eu me lembro? Eu lembro da minha mãe, que hoje não está mais aqui. Lembro das minhas brincadeiras de criança, lembro dos meus carretéis na feira, batalhando com os meninos para que eu pudesse carregar as coisas, porque, em geral, eram as mulheres que iam fazer feira, e elas olhavam para mim no carrinho.

Eu achava que pensavam: “Ah, é menina, é fraca”, aquela história. E eu tinha que batalhar. Eu mostrava que não, que eu era forte, e pegava aqueles carrinhos e ia. Às vezes, os meninos falavam: “Você não vai ficar aqui desse lado, não”, porque eu era grandona, pelo menos eu era mais alta que outras crianças ali. Quando meu carrinho quebrava, a rolimã saía, eu mesma consertava.

“Não, madame, deixa que eu vou levar.” Fiz muita coisa.

Então, eu me lembro disso. Lembro também das coisas que aconteciam na comunidade. Era uma comunidade muito calma, sabe? Uma comunidade onde, quando um ou outro se enveredava por um caminho errado, pois na minha época de criança existia muito batedor de carteira, era só cochicho e comentário.

Lembro também que íamos com muita fé, porque, quando você saía às quatro da manhã para a porta das boates, para pegar as coisas que sobravam, eles nos davam. Hoje em dia a gente compra pé de galinha... e faz a coisa toda. Mas naquela época, no açougue, nos davam pés de galinha, mocotó, cabeça de peixe... A gente ganhava tanta coisa!

A gente tinha realmente dificuldade, mas não passava fome, pois as pessoas nos davam essas coisas e nós nos alimentávamos com essas coisas. Eu fazia carroto na feira, vendia limão, vendia pela comunidade. Pegava essas coisas e saía vendendo pela comunidade. Eu, meu irmão, meu sobrinho, todos em fila, e a gente saía pela comunidade para fazer isso.

E minha mãe, tinha um terreiro, então ia muita gente lá em casa, muita gente mesmo. Além disso, minha mãe era parteira. Aí a gente saiu, me lembro de sair com ela, e minha mãe ia fazer os partos das crianças.

A gente queria descobrir: "A cegonha vai chegar na casa de dona fulana".

Aí a gente corria para a casa da dona Fulana, de cabeça cheia, esperando a cegonha chega, mas a cegonha não chegava, e a gente voltava pra casa. Depois, às vezes minha mãe não tinha com quem nos deixar naquele momento, então precisava nos levar junto. Ela nos colocava sentadinhos, quase que amarrados numa cadeira... e sabe, barraco de pobre, aquelas coisas.

E a gente fica assim pra ver que hora que a cegonha ia entregar aquela criança. Essas lembranças são lembranças que me deram muita força para os momentos mais difíceis da minha infância, sabe? Momentos em que eu também em por conta de minha mãe, abrigar muita gente por conta também disso, né? Tinha uma pessoa que foi lá, minha mãe abrigou lá em casa e ele fez um estrago, sabe?

Me estuprou aos sete anos... a minha sobrinha, que a minha sobrinha já era mocinha, então ela engravidou. Olha gente, foi, foi, foi, É um momento da minha

vida que eu nem gosto de lembrar, sabe? Mas eu tive também outras lembranças da própria minha mãe sabe, minha mãe que recebia a Folia de Reis lá em casa todo ano, todo 13 de maio.

Então, quando eu fui para o movimento negro, assim, eu levei um susto, né? Porque as pessoas não me viam como do movimento negro, me via como do movimento social. E eu cheguei com a história do 13 de maio quase me mataram, naquele momento com a história do 13 de maio, mas todo o 13 de Maio por isso a tradição de feijoada na minha família.

Aí todo 13 de maio vinha a minha bisavó, que eu conheci minha bisavó. Aí ela sentada lá em casa, tinha duas cadeiras de palhas. Aí se sentava a minha bisavó e ali ela sentava e a gente reunia tudo e ela ia contar a história da escravidão. Aí ela contava, aí a gente perguntava você apanhou muito? Não, porque nós éramos bonitas, então era objeto sexual do em dois fiozinhos e a gente coisa.

E os filhos, quantos filhos teve? Alguns a gente não tem com a gente, aqui foram 15, mas alguns vendidos por uma outra coisa, um negócio. Aí ela dizia eu fui ama de leite. Todas essas coisas a gente sabe. E é realmente minha mãe.. era um negócio de negra, linda, bonita, sabe? Um corpo que Só tu vendo... um violão. E elas eram todas assim.

Então elas não, não apanhavam, porque elas eram essas que davam de mamar. E aí dizia que a gente não chupava manga e tomava leite na nossa casa, que isso é que fazia mal, dava dor de barriga e até matava. Era um negócio que era aquela história de dar para o filho, né? A manga e o leite era para dar para o filho da sinhazinha.

E essa história do 13 de maio era contada e o meu pai e minha mãe saíam dançando. Foi assim que eu conheci desde criancinha, jongo, essas coisas.

“É pau, é pau, todo o lugar quando eu chego é pau. “

Mas eles dançavam, eles subiam assim, com aquele, com aquele pau na mão, sabe? Botava aquilo, dançava para a gente, falava as línguas deles lá que a gente não fala, que eu só fui ver quando eu comecei a ir para a África e ver as línguas, que

não é só yorubá que tem ensino ainda hoje, mas eles falavam aquela língua deles e avó e contava tudo como é que é.

Aí contava como é que o escravo fugia, contava como é que elas juntavam e depois ia para dar a alforria. Contavam coisas lindas do 13 de maio. Então eu tenho essa lembrança.

Quando eu cheguei no palácio já como governadora, eu me debrucei ali e fiquei lembrando das histórias da mamãe que ela contava para a gente do 13 de maio. Aí fazia aquele feijão e a filha e cozinava. Naquele tempo, cozinava na lata de 20, sabe? Aí no fogão de lenha, na lata de 20.

“E não, não vai deixar esse feijão queimar. Não pode ter cheiro de feijão queimado.”

Então são essas lembranças eu gosto de contar já para não contar os momentos a a gente teve de dor, de dor, de dor, dor que foram por anos e ainda feridas que não foram curadas. Sabe? Eu tento deixar para lá, mas são feridas que não foram curadas e dificilmente serão, porque ainda vivemos aqueles tempos.

Pela nossa vivência na favela, vendo as coisas como é que é acontecer? Uma favela tranquila vai se tornando um outro espaço. Os filhos da gente, neto da gente para crescer na cena, num ambiente que vai cada dia mais se tornando hostil, hostil às mulheres. E o fato de criança descobrir, ainda aí criança, ali, o racismo.

Mônica Franciso

Conta para a gente um pouquinho, porque é muito bom te ouvir. Fica até difícil de interromper, porque ouvindo a senhora, deputada, a gente vai ouvindo a sua infância e ela vai atravessando a história do Brasil em muitos momentos da escravização. A senhora está falando e eu estava aqui imaginando a sua bisavó, a sua mãe, o seu pai, a sua casa, aquele ambiente... o quilombo, o terreiro, né?

E o quanto a importância das mulheres negras na organização comunitária, na solidariedade, na saúde. Eu costumo dizer na época que o SUS era o mato. **O nosso SUS era o mato.** Era o chá, era erva, era tudo, era o banho... e não tem a ver só com a religião, tem a ver com a sabedoria das mulheres, das mulheres!

Benedita da Silva

É uma coisa que hoje é muito mais difícil, mas o fato da minha mãe ser parteira, tinha a erva para tomar o banho, para não sentir cólica, aquelas coisas todas que eu me lembro que era feito... de ter um franguinho no quintal para atender

aquela mulher para ela tomar aquele caldo com farinha flocada de milho. A parteira tinha aquele papel que era tudo gratuito. Não era nada, cobrava nada, não.

Às vezes dava um presente, né? Minha mãe, como fumava cachimbo, ganhava um pacotinho de fumo, dava um para ela de presente. Então, aquele tempo a gente pegava ervas e a gente conhecia muitas ervas, até braço para braço quebrado. Em casa botava saião, amarrava um pano no braço. Eu me lembro da Belladonna, era, eu sei que ia numa árvore... tinha a erva de Santa Maria e eu corria para não tomar. Olha ai meu Deus, meu Deus, pega a chave e segura na mão, vamos... nós vamos tomar. Ela dava aquilo para a gente de seis em seis meses e pronto. Não tinha verme, não tinha nada e você ia curando. Fazia aquelas garrafadas... (eu tô fraca, aquelas garrafadas, misturava aquelas ervas todas, eu tomava aquilo. Então, essa sabedoria é uma coisa incrível, uma riqueza...É uma riqueza!

Mônica Franciso

Ouvindo a senhora, como eu estava dizendo, a gente passeia pela história do Brasil, pela história da violência contra as mulheres negras, desse corpo que é um objeto sexual, desse corpo que é usado até a sua última força. E a sua história também atravessa uma história que ainda continua, que é a das trabalhadoras domésticas, né?

Primeiro, eu queria que você fizesse uma começa lá no carrinho da feira, indo buscar a xepa, uma época em que o Mocotó era dado... hoje o Mocotó está caro. A carne, isto é, o Pé de galinha, está caro. Asa de galinha, peito e coxa... está caro.

Benedita da Silva

O que é isso? Cabeça de peixe hoje tem que comprar. Cabeça de peixe é uma delícia com um anguzingo... meu Deus!

Mônica Franciso

Eu queria começar a falar um pouquinho da Benedita da Silva, CPF, que vira uma liderança e começa a se movimentar na cidade do Rio de Janeiro, no movimento negro, na luta feminista, começa a organizar a favela, até a fundar um partido contra essa história.

Benedita da Silva

Aí eu acho que eu aprendi muito, Mônica, com minha mãe, a Dona Ovídea. Ela era essa mulher na comunidade, ela era uma liderança da comunidade e todos

chamavam Dona Ovídea. Dona Ovídea, se metia em tudo. Minha mãe não sabia ler nem escrever, mas era Dona Ovídea. Dona Ovídea ali todo mundo falava até quando colocar uma freira para morar lá... Dona Renê Delorme. Aí falaram: Olhe, aqui tem uma mulher que é muito poderosa... Dona Ovídea. Ela tem um terreiro. E a gente ali então essa coisa da minha mãe, as pessoas gostavam da gente por causa da minha mãe, essa liderança. Ela era getulista, então desde cedo ela botava a gente ali para ir para essa coisa.

Ela foi lavadeira do Juscelino Kubitschek, então ela botava a gente pra fazer campanha na rua:

“Juscelino Kubitschek de Oliveira”

Aí ela botava todo mundo para fazer campanha para o Juscelino. Então, ela era getulista, Muito. Aliás, nas favelas, na minha época de criança, toda favela tinha o retrato do Getúlio.

“Para o Getúlio Vargas, tinha uma musiquinha: Pega o retrato do velho outra vez, botar no mesmo lugar, o sorriso do velhinho faz a gente se animar”

E ali a gente ficou envolvida. Depois mamãe faleceu, né? As pessoas ainda continuaram indo no terreiro porque ficou comigo e com o meu irmão. Aí depois eu fui sair. Aí eu fui pra Legião de Maria, deixei aquilo tudo lá. Depois eu fiquei na comunidade fazendo o trabalho na comunidade, juntando as mulheres. Eu sou fundadora do **Departamento Feminino da Federação da Favela do Rio de Janeiro**.

Então eu sou fundadora, fundadora das associações, fundadora de tudo. Saía por aí, pelo Brasil afora, pelo Rio de Janeiro inteiro, junto com meus companheiros, né? E muitas, muitas lembranças que tenho deles. Mas eu era a única, a filha da dona Ovídea metida nesse negócio, entendeu? E aí as mulheres animava as mulheres. Naquela época a gente não podia ser presidente de associação porque éramos mulheres e nem votar, sabia disso?

A gente não votava. Para votar era ou o seu marido ou o seu filho mais velho. Você já pensou? Que louco, que loucura que era aquela? A gente foi para ali, para aquela coisa, para mudar, para mudar. Aí conseguimos passar de comitê para associação de moradores, mesmo eles dando para a gente o estatuto da Associação Comercial, para a gente poder montar a nossa associação.

Nós fomos montando assim. Criamos então a FAFERJ, primeiro era FAFEG, porque ainda era Estado da Guanabara, depois virou FAFERJ, e aí começou a nossa militância na comunidade, dentro da comunidade. Essa militância de construir e de não ter água, não ter luz, não ter nada. Nós enfrentamos uma **ditadura** enorme, que era proibido você colocar casa de alvenaria pois eles derrubaram.

Em 1964/66... até 1968 foi o tempo que derrubaram muitas casas, favelas pegaram fogo e a gente sempre na luta da federação e eu muito ali, como mulher de frente. Bom, aí chegou o momento em que nós começamos a questionar a história dos partidos políticos, porque a gente votava, só tinha Arena e MDB. A gente só era chamado para votar. **Quando veio essa história do PT de criar um partido novo.** Aí começar a dizer que a gente ia dividir, que não tinha que nascer partido. Mas também chegou à volta do Brizola, que não conseguiu o PTB, que foi aquela confusão que eu chamo, que eu digo que é confusão de família e aí acabou criando bem assim. Aí não conseguiu o PTB criou o PDT e aquela onda, os trabalhadores lá, o Lula e tudo estavam discutindo essa questão de criar um partido de trabalhadores e trabalhadoras. Aí a esquerda mais intelectualizada dizia, mas isso não tem sentido. Vai dividir. O operário aí surgiu. Aí é que você vê que começa um pouco das coisas, do preconceito. Bom, será que a gente não vai dar conta? Não? O trabalhador vai dar conta de ter partido, de ter central sindical. A verdade é que acabou criando e nós éramos chamadas para o Estado. O partido chegou na primeira eleição, que foi em 1982, né? Aí foi muito interessante, porque o voto era vinculado e a maioria da esquerda queria votar no Brizola porque o Brizola estava chegando e envolvia a dívida que tinha com o Brizola. Menina, e o PT chegou, né? E todo mundo batendo na gente porque estava dividido, estava dividido, estava dividido. Aí lançamos candidatura porque era a primeira vez que o partido ia participar. Aí todo mundo sabe. O candidato Lula saiu candidato lá em São Paulo a governador. Ninguém ganhou, mas fomos todos nós.

Eu fui a única eleita, mas eu era candidata a Jurema Batista, era candidata. Adilson do Dona Marta, nós fomos pegando as lideranças comunitárias. Só que na FAFERJ a gente tinha o MDB muito forte, né? Era o Dico do MDB, o Lúcio era do PCB, o Bola que eu me casei era do PCB. Convencer esse povo, para somar com a gente, pra vir pro PT não foi fácil, foi difícilimo.

Moral da história que a gente reuniu toda favela foi uma coisa muito legal. A gente reuniu todas as favela e independente do partido indicar e dizer você vai ser candidato, nós fizemos ver quem seriam os nossos candidatos. Olha, olha que tempo bacana. Hoje você tá lá do mandato coletivo, mas a gente teve essa coisa e quem fosse eleito traria para os gabinetes as lideranças. **Eu fui a única eleita.** Jurema foi comigo, Lélia Gonzalez foi comigo, entendeu? Eudesia Medeiros do Sindicato dos professores, foi comigo. Luiz Marcolino que que era técnico Da Câmara, já concursado, foi comigo, ficou comigo.

Então a gente estava ali cumprindo, entendeu? Nós cumprimos ali aquele mandato. E o mandato tinha mulher negra e favelada. Era esse o compromisso, era esse a bandeira da Benedita. E muita gente se engajou. Classe média, muita gente se

engajou nesse momento, viu da importância que era, mas não foi uma coisa fácil que eu dizia assim: Bom, mas quem vai votar em mim? Porque quem conhece Benedita da Silva? É só um pessoal do morro.

Aí eu falava assim ah, não, eu vou. Mas aí a mulherada dizia: Não, mas tem que ser você no chapéu Mangueira. Todo mundo dizia: tem que ser você. Aí um outro da Babilônia tem que ser você.

Aí eu falava Meu Deus do céu, como é que eu vou fazer? Eu no meio dessa mulherada toda? Vai ser um vexame, eu não posso. Aí eu falei, gente! Aí eu dizia gente, mas eu não tenho como. Eu não ter dinheiro, não tenho nem roupa para esse negócio não. E elas diziam: Tá bom, a gente vai fazer. A elas começaram a fazer festinha, minha filha. Aí subia Martinho da Vila, subia todo mundo, todo mundo ia lá cantar no Chapéu Mangueira, todo mundo fazia aquela festa.

Aí foi quando eu conheci **Antônio Pitanga** e Luiz Sampaio. Conhecia de longe assim e depois nem sonhava que um dia eu fosse me casar com o Antônio Pitanga. Imagina aí a Leci Brandão, junto com Neilda, comandava o sucesso. Eu fui chamando os outros Artista... Aí Pitanga, Zezé Motta e aquela turma toda.

Então nós conseguimos botar, mas não tínhamos como fazer cédula. Então tinha mimeógrafo naquela época. Aí todo mundo que trabalhava nas repartições fazia escondido no mimeógrafo. Botava o número, saía com a caneta. Qual é o seu número? Eu, longe de pensar que ia ser eleita.

Quando eu fui eleita, é bom você pensar isso. Quando eu fui eleita, não foi uma campanha. Foi uma campanha, assim, desacreditada por um setor da favela, mulher negra, no dia da posse, do juramento, mulher negra, favelada. Sim, eu prometo.

Um outro gritou de lá: Demagoga! jogar a gente aí.

Aí Já aquele meu sanguinho de chapéu...começou a efervescer e eu falei isso não vai dar certo. Mas tudo bem.

Aí o primeiro dia para subir naquela tribuna, eu, acostumada a dar testemunho na praça, ali no meio da rua, pregar no meio da rua, mas naquela hora, meu Deus, e para subir? As minhas pernas batiam palmas. Ainda bem que tem um negócio assim bem escuro e não dá para ver. Não dá pra ver.

E eu não sabia se eu falava, se improviso, se eu lia, não enxergava. Olha, a gente olha, foi um drama. E eu dizia assim Benedita, você fica firme. E eu conversava comigo e eu falava, tremia e tremia.

Segunda vez, na terceira vez eu falei quero fazer uma tribuna popular. Aí fiz a tribuna popular na Câmara. Eu junto com o Sérgio Cabral, pai que era do MDB e eu do PT, mas eram os dois de esquerda da classe. Aí ele votava com a bancada dele e eu votava com a minha porque era só eu. Aí um ligava pro gabinete do outro e dizia isso daí eu não vou votar não. De certo eu não vou votar nessa matéria, não vou votar não. Aí a gente descia, tinha uns três ou quatro lá do PDT e o PDT tinha a maioria dos vereadores, Mas tinha uns bons lá que a gente também fazia tabelinha pra somar a nossa grande bancada. E aí aconteceram algumas coisas que a gente precisa entender. Todo mundo tinha carro e o meu carro não chegava porque carro não sobe, morro. Tudo esses preconceitos. Descobri que estavam lá dizendo puxa, quem deles ia sair primeiro? Só eu e meu marido lá comigo. Quem ia sair com a neguinha aqui? Como se ela tivesse ali disponível.

Disponível. Entendeu o negócio assim? Incrível, né? E aí eu fui me impondo ali com eles. Quando eles viram aquele show, desabei. Eu cheguei aqui, cheguei chegando e minha proposta é essa. E a Tribuna Popular me ajudou, que eu enchi a galeria. A comunidade descia toda e a gente começou ali a discutir a questão da urbanização das favelas. Foi dali que a gente começou a fazer a discussão junto com a favela.

A reunião da favela tinha aquele mandato e a gente fez um projeto. Quando eu saí candidata a prefeita da cidade, eu já tinha todo o projeto feito por conta da minha militância na FAFERJ, discutindo com a favela, discutindo com o meio ambiente. A gente tinha ali o gari comunitário. A gente tinha a urbanização da favela, que era a casa de rede de alvenaria. Aí eles queriam que a casa fosse de mutirão e a gente dizia que não, que ninguém construir a casa de mutirão que nós queríamos 3% do PIB do Produto Interno Bruto do Brasil, para que esses 3% fossem só para a urbanização das favelas no Brasil e que cada um de nós teríamos essa cota. Era essa a nossa proposta. Perdi para o Cesar Maia e o César Maia, muito inteligente, passou a mão no projeto.

Primeiro, na disputa malhava que era marginal que eu ia e que era eu tinha acordo na comunidade, que cidade ia ser uma loucura... aquelas coisas de campanha mesmo, coisa horrível. Bom, perdi para o Cesar Maia. O que aconteceu? Cesar Maia pegou todas as pessoas, inclusive da engenharia, que estavam comigo nesse projeto de favela que ajudava a partir do desenho. Cesar Maia foi lá e pegou o projeto, pegou as pessoas e servidores públicos, pegaram as pessoas e foram para lá. E ele executou, mas executou da forma dele que o nosso era uma coisa bem mais ampliada e coletiva porque tinha que deixar quadra de esporte na comunidade, você tinha que deixar um salão, que era um salão comunitário, ali para as meninas que se casassem, para batizado, para ir para a festa junina... para todas as atividades da comunidade.

Bom, foi esse projeto não saía, mas eu tenho essas lembranças, né? Eu tenho uma lembrança muito forte do racismo comigo, muito forte mesmo.

Muito forte desde a escola, desde a escola, desde o meu cabelo com trancinhas que hoje é moda. Mas naquela época aquela expressão era um sofrimento.

Puxavam o meu cabelo, era a nega do cabelo duro, era uma coisa muito triste. E eu naquela estava numa situação bem pobre, sabe? Minha mãe era lavadeira, como eu já disse, o nosso uniforme estava sempre muito limpinho.

Nosso uniforme estava sempre arrumadinho, mas naquela época você ganhava o tanque colegial e os pais compravam só a meia. Porque você ganhava a pasta, a cartilha, o caderno, tinha a merenda escolar que era comida, comida e tinha o lanche. Era a merenda escolar e o lanche da escola. E você então saía daquela escola alimentado. Eu aprendia a comer arroz com feijão e com macarrão na escola, porque faziam isso.

Então? Eu ficava na fila e me chutavam por trás, sabe? Me chamavam de macaca. Eu pensei que depois que eu crescesse e tudo mais que isso não ia mais acontecer, porque também eu comprei algumas brigas. Aí eu chegava como eu às vezes fazia carreto e deixava já o uniforme, a gente botava dentro um plástico assim, enrolava bem, deixava o carreto em alguma garagem e o porteiro não era tão besta como agora, guardava o carrinho da gente e ia pra escola, né?

Aí quando eu rolava lá na areia com os meninos, eu rolava lá na areia daí a roupa sujava e o que eu fazia? Eu tinha sempre uma xepinha para levar para casa, um tomate, alguma coisa. Aí o quê que eu fazia?

Jogava manga, jogava alguma coisa na blusa pra não saberem que a blusa estava suja porque eu rolei lá no Babalu. Que tinha uma boate lado da escola e a gente pulava. E a criançada toda gritava: Vai ter briga, vai ter briga.

Aí eu, meus irmãos e meu sobrinho, que era da escola, eram pobres aqui em Copacabana, e eu estudava no Francisco Alves, lá em Botafogo. Aí eles diziam assim: minha irmã da quinta série vem aí; aí quando chegava a negona deste tamanho os meninos corriam, saía tudo correndo. Olha, mas eu tenho essas lembranças que eu vou juntando uma coisa com a outra. Mas é só para falar que não foi fácil. Por isso que eu vou e volto.

Falando e a gente vai lembrando de racismo com a gente, com o cabelo, com a roupa, com o tanque. E eu era apaixonada por um rapaz, mas apaixonada.

Aquela coisa da gente morar escondido, e tudo. Ai, adorava mesmo assim, Luizinho era um preto... Ele parecia um etíope, os dentinhos branquinhos assim. Mas que

gente, que negro lindo, miúdo. Ele não queria nada comigo. Que colegial? Eu não tinha sapato? Ele ria de mim. Aí eu não ia mais na festa porque ninguém queria dançar comigo. Aí eu desse jeito, aí fiquei tão triste. Bom, acabei, cresci, casei.

Monica Francisco

Que bom! Nessa ida e volta. E agora está fazendo. Está passando pelo nosso roteiro, falando do território, da relação com a favela, da sua maior referência, que é a dona Ovídea até hoje, com certeza, em cada passo, cada ação, cada atitude no cuidado com os filhos e o quanto a sua vida é bem interessante., deputada Benedita da Silva, que a senhora foi redescoberta pelo movimento negro, pelas mulheres negras há alguns anos, agora mais próximo, né?

Mas eu quero voltar lá atrás um pouquinho. A senhora falou que a década de 90 não foi fácil para a senhora, não. Eu lembro da história dos arrastões que colaram na sua imagem. As pessoas hoje falam da violência, da política e a gente observa na sua figura uma figura que sofreu violências políticas gigantes. A senhora teve medo em algum momento pela sua vida? E qual foi esse momento? Assim que a senhora pensou caramba! essa mulher forte, poderosa por que é? Porque essa força vem daquela bisavó lá da cadeira da Dona Ovídea... vem dessas mulheres que circularam quando é que em algum momento aquele receio, aquele sentimento de... eu toquei num lugar, nessa sociedade racista, branca, masculina que não quer entregar o poder, não quer dividir o poder. Em que momento foi?

Benedita da Silva

Violência política, violência racial, violência de gênero... nunca faltou na minha trajetória. Uma das coisas mais aí eu vou dizer dentro da violência política, porque quando você acha que você está protegida, né? Mas dependendo da sua bandeira, você está causando não só inveja, mas você está correndo perigo, como foi o caso de Marielle, né? E você está correndo perigo.

Eu tive muitos perigos pela frente. Tive medo? Tive. Eu sou humana, tive medo, mas o medo não era o medo que me desencorajava. Então eu fui para cima e eu fui para cima. E uma das coisas que eu fui para cima mesmo foi na minha própria favela. Quando deputada, eu fiquei morando na favela. Eu só saí da favela quando eu estava vice-governadora, porque aí já não era eu sozinha, era eu e o governo do Estado titular que nós tínhamos que fazer sérios combates. E ao fazer esse combate era um contraste pra Benedita, que estava lá no morro, sabia o que estava acontecendo no morro e ela tinha que estar lá junto com o governador para dar segurança para as pessoas, pra proteger a polícia e proteger o morador. E era uma

contradição muito grande, não tinha como. Aí foi quando o Pitanga falou não, agora não. Agora você vai, porque até ele eu levei para o morro. Ele veio, ele comigo, mas eu cheguei um dia, ainda era cedo, não sei por que eu cheguei. Só sei que eu cheguei cedo e as crianças... Aí eu cheguei, estou vendo a polícia lá e tudo.

Aí eu olho aqueles pretinhos todos de joelho e de cabeça baixa, inclusive meus netos. Aí eu falei, O que é isso aí? Já era deputada sim.

E a polícia disse: Hoje não vai poder ter baile funk. E eu disse mas, mas essas crianças aqui de joelho aqui? Eles estão orando? Não? Então levanta, levanta, levanta, levanta, levanta. Gente, você não pode fazer isso!

- Hoje não vai ter baile.

Aí pega o furacão 2000. Aí o Furacão 2000 com aquelas coisa já tudo pronta para o baile funk. Eu falava Jesus e eu dizia assim Jesus, o que eu vou fazer da minha vida com esse baile funk com essa barulheira na minha cabeça... Deus, mas eu vou ter que defender esse baile funk.

Aí eu tenho que defender o baile funk, já todo mundo... os moradores já estão com a sua barraquinha para vender suas coisas. Como é que vocês vão?

Porque o pessoal lá de baixo denunciou. O pessoal não denuncia o clube não, aqui também tem idoso, quer dizer, os idosos, os idosos daqui pode ouvir todo o barulho da cidade. Agora os idosos de lá de baixo não pode ouvir o barulho daqui de cima e a gente desce todo dia para trabalhar na casa deles. Não sei, não vou fazer isso. Outro dia já manda, anuncia furacão que ali não vai poder, que ele só pode fazer matutino. Fala isso vocês quiserem.

Aí a Benedita tira, tira a autoridade do coronel. Aí eu falo o coronel, eu falo o coronel, as crianças, meus netos são funkeiros. Daí como é que eu fico lá da minha janela olhando, porque ninguém vai dormir também. O barulho... eu fico da janela olhando os meninos e tudo. E meu neto fazia assim: Pelo amor de Deus vó, você não chama meu nome

Aí aquele dia foi demais, aquele dia foi demais. E aí eu comprei uma briga. Comprei uma briga e fiquei marcada. Para a bandidagem eu tinha compromisso com a polícia, pra polícia eu tinha compromisso com a bandidagem que sabe que não.

Tem um mês que eu fui fazer uma palestra na universidade lá em Madureira e o rapaz levantou e falou: quero te pedir desculpa. Aí eu por quê? Porque quando você foi assumir como governadora (o rapaz era negro), eu falei: estamos perdidos.

Eu pensei que você ia até mesmo uns acordos, uns negócios. E você é a única que não foi presa. Não era nada daquilo que eu estava pensando.

Você entendeu quantos negros e negras estavam também pensando igual? Igual. Porque a Benedita, Mulher negra? Porque ela era oriunda da favela. Ela está comprometida com uma porção de coisa? Não, não estou comprometida com uma porção de coisa.

Minha vida correu risco quando prendi o Elias maluco. Elias maluco a dar o recado, dera um tiro no palácio, tentaram o sequestro de minhas netas e eu só cuidando, só cuidando. Você não tem ideia do que aconteceu enquanto eu estava governadora com a minha família, meu neto ficou pelado no meio da rua. A polícia tirou a roupa do meu neto, fez parar o carro, tirou do carro, pegou os dois branquinhos que estavam com o meu neto, mandou que eles pegassem o carro, fosse embora. Mas o carro não era nosso era dele. Tirou a roupa do meu neto. O meu neto ficou nu e o ônibus passando e todo mundo gritando do ônibus. O que é isso? Que é isso? Eu, eu, governadora?

Eu, governadora do Estado do Rio de Janeiro, de chegar e perguntar para mim como é que eu ia cuidar do Palácio. Com aquelas pratarias, com aqueles tapetes persas, com não sei o quê, com as crianças.

Como é que eu ia cuidar daquele palácio? Eu disse aqui está a pessoa mais qualificada, porque a maior parte da minha vida eu passei limpando palácio, tapetes, pratas, ouro e sustentei minha família com esse trabalho. Então eu sou a pessoa mais qualificada para ficar aqui nesse palácio. Ouvi muita coisa. Na constituinte o papel higiênico... escreviam no papel: sai daí, sua negra. Aqui não tem racismo, você que é uma macaca! Me mandaram plantar bananeira e agora vai ter bananeira dentro do palácio.

É muita coisa, muita coisa. Eu sempre ergui a minha cabeça. Sou filha da Ovídea. Assim não.

Monica Francisco

Deputada, a sua trajetória é uma trajetória muito completa da história das mulheres negras, da história do Brasil, da história do Rio de Janeiro, desse estado, dessa cidade mais é impossível, né? Eu lembro a primeira imagem de Benedita da Silva que me vem é a mulher preta favelada. Então a mulher preta e favelada? Não, não existe como não pensar nisso falando esse nome Benedita da Silva.

Eu queria começar a falar um pouquinho de como a senhora vê a favela hoje. Quando você pensa na favela, a senhora que organizou a favela onde vivia e não só onde vivia, não satisfeita em ajudar a organizar a favela onde vivia, acabou organizando no estado do Rio de Janeiro, desde o Estado da Guanabara, FAFERJ, as mulheres, os territórios. Pensar a urbanização de favelas, mesmo tendo um projeto Surrupiado Aí, nessas e nessas disputas, essas coisas que acontecem não só na política. Eu queria que a senhora falasse um pouquinho da favela hoje. Como descrever a favela hoje, com tanta história, tanto caminho percorrido?

Benedita da Silva

Olha, eu quero voltar um pouquinho a favela anteriormente, a favela da vizinhança, a favela em que a gente tomava conta um dos filhos do outro, a favela que a gente pegava quando não tinha um café, não tinha um arroz, não tinha um feijão. A gente ia lá e nessa favela alguém dava, dividia. Aí eu mesma, que passei muita fome na minha vida, eu tinha a comadre Marcela. Às vezes eu não tinha nada em casa para comer e ela apertava a cabeça de peixe na feira. O Lauro fazia a cabeça de peixe, ela ia lá e levava na cumadre e parece que ela tinha um sexto sentido dela, que ela falava: vai esses meninos da comadre se já comeu? Eu já cheguei na casa dela e ela estava comendo, já não tinha mais nada na panela e ela parar de comer para dar comida para meus filhos e meus filhos nunca pediam nada para ninguém.

Se perguntassem: já almoçou ou já jantou? A resposta era já! daquele jeito. Então a favela que a gente se sentava na porta da casa da gente e cada uma dava uma coisa. O que é que você vai fazer hoje?

Eu dizia vou fazer uns pasteizinhos. A outra dizia eu vou fazer uma broa de fubá. Aí nos sentávamos na porta uma das outras e aí a gente batia aquele papo, aquele papo de comadre, aquele papo de vizinha. Aí uma fazia café, a outra fazia um chá de erva cidreira, de capim limão e a gente conversava. Tinha esse momento aí, eu estou arrumando tudo aqui para a gente sentar e conversar um pouquinho.

Eu sinto muita falta dessa interação. Lógico que as coisas avançaram e a gente pôde ter uma televisão em casa. Nessa época ninguém tinha televisão. E aí você, tinha tempo para conversar. Hoje, a televisão, a tecnologia chegam para a gente, facilita por um lado, mas pelo outro as relações vão se pulverizando nessa coisa. Então, essa favela de hoje eu sinto essa falta, porque num sistema capitalista como o nosso, todo mundo tem que trabalhar muito e tem que trabalhar e tem que trabalhar e tem que ter para pagar a luz, para pagar água, para pagar não sei o quê.

Coisas que antes para nós era precário, mas nos dava mais condição. Hoje não, Hoje é uma correria sem fim, é uma correria para isso, uma correria para aquilo. A gente tem, até melhorou para alguns, para a maioria, que a gente pode dizer melhorou na favela, né? O seu poder econômico. Até porque foram abrindo os seus negócios, tendo o seu comércio, profissionalizando mais aquilo que fazia apenas como solidariedade. O cabelo que fazia, a unha que fazia da vizinha. Hoje a vizinha pode pagar, a gente cobra, o cabelo cobra tudo.

Quer dizer, houve uma mudança do ponto de vista econômico, é verdade. Houve também do ponto de vista habitacional, porque nós não tínhamos casa de alvenaria e hoje temos. Mas houve também uma ausência muito grande do Estado por longos anos na favela, como se a favela não fosse o município, porque nós temos favelas que nós podemos, que tem município bem menor, que tem países menor do que o número de favelados que temos no Brasil.

Então essa coisa da urbanização é de acesso à saúde, a escola, né, de acesso ao lazer, que é ter as atividades e aí investir nas atividades culturais. Então o Estado se ausentou por muito tempo e essa ausência do Estado dentro desse crescimento, dessa tecnologia... nós, do ponto de vista político, fomos perdendo um pouco essa coisa nossa, sabe? Portanto, até hoje nós não temos um saneamento porque paramos ali nas casas, nós ficamos ali, nós não fomos para a luta como fomos para ter a casa de alvenaria, para ter o telefone na casa da gente, para a ambulância pegar a gente da casa.

Tudo isso foram grandes, grandes lutas para não derrubar o barraco. São lutas que nós travamos. Então, hoje nós fazemos, mas parece assim... Não. **Cada um está cuidando mais de si, do seu.** Sabe, eu estou cuidando para o meu filho não ser isso ou estar cuidando aquilo. Eu estou cuidando para mim poder não ser espancado. Eu estou cuidando. Uma coisa muito privada hoje. **A favela que era um coletivo se tornou um aglomerado muito para dentro.**

Portanto, quando a gente fala do índice de violência doméstica, você não bate na porta da vizinha quando o marido está batendo nela. Você entende? Eu acho que essas coisas são coisas dentro da favela que a gente tem que colocar. Eu não me incomodo... eu não vou me meter na briga de mulher, marido e mulher ninguém se mete a colher isso.

Depois que houve essa, essa outra concepção de vida, de eu ter o meu pão na mesa, de eu ter a minha carteira assinada.... Parece que você vai se afastando dos conflitos que te atingem também. Eles são cotidianos. De não me preocupar mais com o filho da vizinha, de não me preocupar mais, de cuidar do meu filho, essas coisas a comunidade foi perdendo.

O único momento que você encontra essa comunidade, mas esse conglomerado é realmente nos seus segmentos ou ele está na quadra da escola de samba que aí todo mundo que gosta vai para lá, ou está na igreja, todo mundo que gosta vai para lá ou está no terreiro, todo mundo que gosta vai para lá e o outro está aí.

57:30

<https://drive.google.com/drive/folders/1APcS8CY5x4IWZEx7taDfk7kXBxNxCx2J>

Os filhos estão no baile funk aí vai no baile funk, vai para a praia. Então você não, não consegue mais dentro da favela e eu posso assim dizer, fazer uma festa comunitária que todo mundo desce, que todo mundo vem, que todo mundo contribui, que todo mundo está ali. Eu penso que com todo esse avanço que nós vivemos, nós estamos presos em nossas casas, na favela. Nós estamos presos aos nossos medos, nós estamos presos a nossas perspectivas, nós estamos presos e é preciso que a gente comece a pensar nisso. Eu tenho hoje uma casa de alvenaria. Eu tenho hoje geladeira, televisão, rádio vitrola, computador, eu tenho o telefone celular, a internet. Eu tenho tudo isso. Mas eu estou tranquila? Eu estou segura? eu estou em liberdade? eu tenho isso? Então essas coisas, sinceramente, é que eu vejo a grande diferença que nós somos um povo trabalhador. Quem constrói riquezas somos nós. Estamos pendurados na favela, os favelados, eles descem, nem que seja para vender um limão.

Mas ele desce e ele encontra algo para ele fazer e cada lugar que o favelado coloca a mão é uma construção. E não é para ele, mas é uma construção, É minha casa, minha vida, minha casa. Minha vida hoje é um projeto que você tem que aproveitar a mão de obra da comunidade, porque lá tem gente qualificada para fazer o que já fizeram os outros.

Como não fazer para ele? Mas está tudo bem. Como está? Como você chega perto da solidariedade? O vizinho tem um carro? Pode deixar que eu vou levar no hospital. Olha, pode deixar que eu que eu vou para senhora. Não! olhe para o teto nessa bolsa pesada, Dona Maria, vou pegar para a senhora aqui. Pega a moto, pega a van. Ai eu não vou levar, eu não vou fazer isso.

Monica Francisco

É muito profundo, porque não tem muito tempo a gente, pelo menos na das favelas todas, você tinha aquelas pessoas, meu marido mesmo já fez isso desempregado, ficava sentado lá, subia uma pessoa... vai levar!

Benedita da Silva

Nós precisamos isso. Eu sinto falta da favela.

Monica Francisco

Então, qual seu sonho para a favela hoje?

Benedita da Silva

Eu acho que... acho não! Eu tenho certeza! Que a favela ainda precisa de infraestrutura, mas nós precisamos ter uma consciência política mais aguçada na favela. Não basta só que organize em torno de um meu interesse, mas que a gente possa ver, conhecer um pouco mais da nossa história. Por que nós somos da favela? Por que nós moramos na favela?

Sabe quando eu falo que tem que ter um processo de politização eu não estou falando de politização partidária, porque se você tem essa consciência política, por que é que eu estou aqui e eu não estou morando lá embaixo? Qual é a minha história? De onde eu vim? Como é que eu cheguei aqui? Porque a nossa favela, as nossas favelas, são verdadeiros quilombos.

Então não tem como você não discutir favela como quilombo. Olha, houve um processo na civilização brasileira dessa forma. Nós tínhamos que ter todo um favelado, uma cartilha assim. Por que você mora na comunidade? Você mora porque existiram os quilombos. Os quilombos foram de resistência e mesmo assim foram colonizados por muitos anos. Morreram muitas e muitas pessoas e aí sim, vamos discutir o 13 de maio.

Não basta só dizer que aqui a escravidão não acabou. No 13 de Maio, a coroa portuguesa não sei o que todo mundo aí o Brasil foi o último a deixar o cabo. O que foi que esses escravizados fizeram? Não tinha emprego, não tinha isso. Onde eles moraram foram para os quilombos. Então formou se os morros, os trabalhadores e mais é de cana de açúcar... porque se a gente não souber por que a gente mora no morro, não for lá atrás viver essa história, o nordestino vai achar que ele é só nordestino e não tem raça. O outro vai achar que ele também, ele não tem. Tudo veio daí, com a exceção do dono da casa que eu falo que é dos índios, que são os indígenas. Tudo veio daí, num processo de colonização. Aí as pessoas têm que conhecer a história da favela. Como é que você chega na favela? A favela foi criada exatamente aí.

As pessoas tem que saber que essas favelas muitas vezes foram derrubadas, tiradas, que muitas delas já não existe porque houve urbanização, porque não

queriam fazer obras de proteção para nós de encostas. Mas quando nos tiraram, nos forçaram alguns até... nos colocaram longe do trabalho, longe da escola, longe do atendimento de saúde e não criou nenhuma infraestrutura e os que ficaram, as comunidades que ficaram, fizeram mutirão em sua conta e foi melhorando por sua conta.

Quando o Estado chegou para alguma coisa, ele já chegou para impedir que houvesse melhora naquele lugar. Ninguém sabe o que foi 1964 para as favelas, gente. Ninguém fala desse período de 1964 a 1970/1978. Posso te garantir te garantir que de 64 para 78 vê o que aconteceu nas favelas... pegar os mais velhos da comunidade e ver o que acontecia.

Eu me lembro que o meu filho todo de branquinho, tudo, tudo, tudo... aí ele desce e a polícia faz ele se sentar... no chão.

Aí ele fala:

- Pô...

E a Polícia:

- Sente aí. Documento!

E meu filho, dá o documento. Aí ele lê o documento. Benedita de Souza da Silva, mãe, você conhece a Benedita? Ele diz: por acaso eu sou o filho. E pá! Um tapa no meu filho, um tapa no meu filho... e chamou meu filho de mentiroso.

Eu fui parada várias vezes pela polícia, querida. Um carro preto, uma mulher preta, o meu marido preto... tudo preto... e para!

E eu falei, hoje mesmo... eu comprei um espanadorzinho para tirar aquela poeira que fica entre o sofá da casa e tudo e dei ao Clécio. Aí o Clécio falou: Aqui a sua arma... é tipo uma arma.

Eu digo: Clécio, não vamos deixar isso. A gente pode ser morto, porque o cara vai pensar que isso é o cabo de uma arma e a gente vai morrer... Pelo amor de Deus! Entende como a gente ainda tem esses medos? Então, a favela hoje é uma favela com mais, eu posso dizer assim... estrutura, muito mais estrutura.

Se você não quiser descer, você não desce. Você compra tudo na mercearia, lá em cima você faz tudo. É por isso que a gente quer uma moeda favelada e eu falo isso e ninguém me leva a sério.

Monica Francisco

Eu levo!

Benedita da Silva

Vamos criar uma moeda de favela que a gente vai ver o banho que nós vamos dar, criando um banco que eles vão ficar louco igual a moeda de lá de Maricá. Ela gira e faz um valor e eles vão ver a força econômica que tem as favelas. Mas as pessoas não pensam nesse negócio, sabe? Não pensam nesse negócio.

As escolas de samba dão um serviço o ano inteiro, o ano inteiro para essas pessoas... dão um serviço inteiro, mas você já viu onde é que as escolas de samba vão? Para que estado, que as escolas de samba vão para pegar as coisas delas? Igual a as mulheres da Bahia, de onde elas vão comprar os tecidos dela? Tudo muito caro, tudo muito não sei o quê.

Sabe, se você pensa um investimento em confecção cultural? Você tem que pensar nisso! E está lá em cima, não está aqui embaixo, gente! Então eu tenho um sonho com a favela. O meu sonho de urbanização da favela passa por desenvolvimento econômico, sem dúvida, e produção – querida... isso passa porque o meu sistema é capitalista.

Eu pago as coisas em valor de dólares e eu ganho em real. Essa é a situação nossa e a gente sabe ainda se virar nos 30. Ah, para com essa da gente ficar carregando caixa de cerveja para cima e pra baixo e aquela mulherada toda indo e voltando. Trabalhando, pensando que está ganhando, pensa que está trabalhando. Aí daqui a pouco vem coluna, daqui a pouco...

Eu carreguei muito peso, carreguei muito saco de cimento. É claro que um dia na vida vai estourar. Está estourando até muito tarde. Eu estou com 82 anos. Aí você se acaba com a sua coluna. Academia no morro? Ninguém precisa! A gente já desce, sobe, empurra, agora facilitou que tem moto e tem coisa mais.

A gente fala dessa forma porque a gente tem um sonho, nós somos milhares, nós somos milhares. Dá vontade da gente: Alô favela!

Você não precisa de forma nenhuma se sujeitar a isso. Você tem que exigir, porque você faz parte do PIB (do Produto Interno Bruto brasileiro). Você está pagando caro! Um cara que ganha 6.000 R\$ por mês, ele paga no arroz o mesmo preço que você que só ganha um salário.

Gente, eu queria que essas coisas tivessem na nossa cabeça... do favelado. Nós seríamos um outro país. Tenho certeza disso.

Monica Francisco

Mas qual é o sonho da Benedita da Silva para a Benedita da Silva?

Benedita da Silva

O sonho da Benedita da Silva para Benedita da Silva é que muitas... que todas, se possível mulheres negras, possam ser uma Benedita da Silva. Esse é o meu sonho. Possam ser uma Benedita da Silva. Têm o direito de serem uma Benedita da Silva. Que quando a gente diz que o lugar da mulher é onde ela quiser, então eu quero que as mulheres estejam no meu lugar.

Eu quero você, Mônica. Quero nós, mulheres negras, nós, as mães de leite, querida... Nós não temos direito de parar. É só prosseguir. É só é só acreditar na nossa imagem e semelhança... apenas. E a gente vai alcançar os nossos sonhos. Porque é aquela história... Sonho que se sonha só é só um sonho, mas nós estamos sonhando juntas. É isso!

Monica Francisco

Deus te abençoe e te dê muitos anos de vida e saúde, te dê muita força para continuar sendo essa referência para a gente.